

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

v. 1, n. 2, jul./dez. 1998



Fas. 72489 Clas. PER  
Arquivo & Administração  
v.1 n.2



## O QUE É A AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, fundada em 1971, com a finalidade de dignificar socialmente a profissão e elevar o nível técnico dos arquivistas brasileiros, é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, apolítica, cultural, entidade de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro de acordo com o Decreto n. 1.200, de 13 de abril de 1977.

É membro integrante do Conselho Internacional de Arquivos, da Seção de Associações Profissionais e faz-se representar na Conferência Internacional da Mesa-Redonda de Arquivos.

## PRINCIPAIS OBJETIVOS

- cooperar com o Governo e organizações nacionais, estrangeiras e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos e documentos.;
- promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários e mesas-redondas;
- estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- prestar consultoria, assistência e serviços técnicos a empresas públicas e privadas.

## SERVIÇOS QUE A AAB OFERECE

- Consultoria
- Assistência Técnica
- Cursos *in company* específicos para atender às necessidades da empresa
- Intermediação para contratação e administração de Recursos Humanos nas áreas de documentação e informação, mediante convênio
- Indicação de estagiários.

## QUADRO ASSOCIATIVO

Podem ser admitidos como sócios da AAB, sem qualquer discriminação, além das pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessarem pelos objetivos da Associação.

As empresas públicas e privadas podem se filiar à AAB na qualidade de pessoas jurídicas, como sócios contribuintes. As empresas associadas têm redução especial nos preços relativos aos vários serviços que a entidade oferece.

### ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Rua da Candelária, 9, sala 1004 – Centro – Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20091-020 Telefax: (021) 233-7142

# arquivo & administração

v. 1, n. 2

jul./dez. 1998

## SUMÁRIO

EDITORIAL .....	3
ORGANIZAR ACERVOS PARTICULARES – TAREFA NADA FÁCIL .. Adriana Xavier Gouveia de Oliveira	5
INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, ESTRUTURA E REPRESENTAÇÃO COMPUTACIONAL .....	17
Carlos Henrique Marcondes	
SEGURANÇA EM ARQUIVOS .....	33
Maria Celina Soares de Mello e Silva	
A IMAGEM NA ARQUIVOLOGIA E NA HISTÓRIA .....	47
Maria Leonilda R. da Silva	
ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO PRELIMINAR .....	57
Mariza Bottino	
GERIR DOCUMENTOS EM PORTUGAL: COMO E PARA QUÊ? .....	81
Helena Medeiros, Maria João Pires de Lima, Maria José Fidalgo, Pedro Penteado e Zélia Gomes.	

Arq. & Adm.

Rio de Janeiro

v. 1

n. 2

p. 1-98

jul./dez. 1998

PER. - 383

Copyright © 1998 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

Direitos desta edição reservados à EdUFF - Editora da Universidade Federal Fluminense Rua Miguel de Frias, 9 - anexo - sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ - CEP 24220-000 Tel.: (021) 620-8080 ramais 200 e 353 - Telefax: (021) 620-8080 ramal 356

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Edição de texto : Damião Nascimento

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rosalvo Pereira Rosa

Capa: Felipe Teles da Cunha

Revisão: Damião Nascimento e Rita Godoy

Supervisão gráfica: Kátia M. Pimenta Macedo

Coordenação editorial: Damião Nascimento

Catálogo-na-fonte

Arquivo & Administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros - Ano 1, n. 0 (1972) -

Rio de Janeiro : AAB, 1972 -

v. ; 23cm.

Annual

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros

1. Arquivo - Periódicos. 2. Administração - Periódicos. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros

CDD 025.171

Apoio: Escola de Arquivologia da UNI-RIO

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Luiz Pedro Antunes

Vice-Reitor: Fabiano da Costa Carvalho

Diretora da EdUFF: Eliana da Silva e Souza

Comissão Editorial:

Adonia Antunes Prado

Maria Guadalupe C. Piragibe da Fonseca

Anamaria da Costa Cruz

Roberto Kant de Lima

Gilda Helena Rocha Batista

Roberto dos Santos Almeida

Heraldo Silva da Costa Mattos

Vera Lucia dos Reis

Ivan Ramalho de Almeida

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Biênio 1997 - 1999

Diretoria

Presidente: Mariza Bottino

Vice-Presidente: Laura Regina Xavier

1ª Secretária: Tânia Maria de Souza Pimenta

2ª Secretária: Eliana Balbina Flora Sales

1ª Tesoureira: Maria Celina Soares de Mello e Silva

2ª Tesoureira: Sérgio Duayer Hosken

Conselho Editorial:

Mariza Bottino (Presidente)

Anamaria da Costa Cruz

Eliana Rezende Furtado de Mendonça

Fernando Antônio Pires Alves

Gilda Maria Braga

Maria Izabel de Oliveira

Maria T. W. Tavares da Costa Fontoura

Marilena Leite Paes

Rosali Fernandez de Souza

## EDITORIAL

Com mais este número da Revista *Arquivo & Administração*, a Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB espera estar contribuindo cada vez mais para o fortalecimento da Arquivologia brasileira, uma vez que ela vem desempenhando um importante papel em prol da arquivística, já que é parte integrante de sua história, atuando ativamente em todos os movimentos significativos da área.

A manutenção da edição deste periódico visa à ampliação e divulgação da literatura especializada e integra a política de publicações da AAB.

A todos os colaboradores, nossos agradecimentos.

Saudações arquivísticas,

*Mariza Bottino*

Presidente da AAB

R. 72489

## FREQÜÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES POR ESTADO

Estado	Quantidade de instituições	Percentual
Rio de Janeiro	12	17,9%
Rio Grande do Sul	11	16,4%
São Paulo	9	13,4%
Minas Gerais	8	11,9%
Pernambuco	4	7,2%
Bahia	4	5,9%
Santa Catarina	3	4,4%
Goiás	2	2,9%
Maranhão	2	2,9%
Pará	2	2,9%
Sergipe	2	2,9%
Alagoas	1	1,4%
Ceará	1	1,4%
Distrito Federal	1	1,4%
Mato Grosso do Sul	1	1,4%
Paraná	1	1,4%
Piauí	1	1,4%
Rio Grande do Norte	1	1,4%
Rondônia	1	1,4%
Total	67	100,0%

## A IMAGEM NA ARQUIVOLOGIA E NA HISTÓRIA

*Maria Leonilda R. da Silva*

Graduada em História (UERJ) e Arquivologia (UNI-RIO). Responsável pelo Setor de Documentos Especiais da Fundação Getúlio Vargas.

### Resumo

A fotografia para a Arquivologia e a História. A manipulação do real. A preservação fotográfica.

**Palavras-chave:** fotografia; arquivologia; história; preservação.

### Introdução

Um forte impacto social é produzido pela descoberta da fotografia (século XIX). Esta descoberta se constituirá não apenas em novo suporte da informação, mas também em novo meio de expressão cultural e artística. Os registros escritos se tornam mais compreendidos pela imagem que os acompanha. As pessoas desejam ser fotografadas, visando permanecerem para a posteridade. Os pintores se ressentem com a competição dos fotógrafos, que conseguem uma imagem mais barata e rápida do que através da pintura. A cultura e os horizontes do homem se ampliam, pela da leitura das fotografias tiradas por viajantes.

### Imagem – Arquivologia – História

A Arquivologia define como documento qualquer “registro de uma informação independente da natureza do suporte que a contém” (PAES, 1986, p. 8). A partir dessa definição, documento é livro, folheto, revista, relatório, fita magnética, disco, microfilme, disquete, CD-ROM etc..., ou seja, todo material escrito, cartográfico, cinematográfico, fotográfico e sonoro.

Entretanto, o mesmo autor define documento de arquivo como “aquele que, produzido e/ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitui elementos de prova ou de informação” (PAES, 1986, p. 8), ou, no

caso de arquivos privados, como "aquele produzido e/ou recebido por pessoa física no decurso de sua existência" (PAES, 1986, p. 9).

Desse modo, o que irá caracterizar o documento de arquivo é seu caráter de organicidade e de proveniência e não suas características físicas. O documento de arquivo não tem valor por si só, mas o adquire dentro de um contexto, de um todo orgânico. Ele não pode ser desmembrado e disperso entre os documentos de outras instituições ou pessoas físicas. Deve ser sempre mantida sua ordem original e de proveniência. O documento de arquivo só tem significado se reunido num todo que irá explicar e justificar sua existência

A história tradicional considerava os documentos escritos como única fonte de consulta para a pesquisa histórica. A partir da Escola dos Annales, em 1929, o campo da pesquisa se amplia e a história passa a considerar como documento, segundo Lucien Lefebvre, "tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem" (CARDOSO, 1989, p. 43).

O que ocorreu, a partir da Escola dos Annales, foi um alargamento da definição do termo documento até então restrita à documentação escrita. Os historiadores positivistas, como Fustel de Coulanges, privilegiavam apenas o documento-texto. Atualmente, documento se refere não apenas ao documento escrito, mas também ao visual, ao oral, ao magnético, atingindo uma amplitude semelhante ao conhecimento humano.

Esta verdadeira revolução documental, segundo Glénisson, acentuou-se a partir da década de 60 e perdura até os dias atuais, quando a tecnologia fez emergir novos tipos de documentos. O avanço tecnológico e o surgimento de novos suportes exigem do historiador um domínio de técnicas de interpretação cada vez mais diversificadas e específicas.

A história nova de caráter científico irá identificar novos objetos e métodos, ampliando quantitativa e qualitativamente os horizontes da história tradicional. A história das mentalidades encontrará espaço nessa nova concepção de história, incluindo o imaginário e a iconografia.

A história tradicional estudava os fatos únicos. Na história nova, assim como na arquivologia, os fatos são explicados pelo todo, pelo contexto em que estão inseridos.

Nenhum fato ou ato histórico existe isolado; eles aparecem sempre no conjunto do processo histórico. Podem ser vistos e examinados isoladamente, mas funcionam em relações estruturadas, articulam-se com todos os componentes da realidade, conformam-se ao todo do sistema real (RODRIGUES, 1969, p. 31).

Atualmente, não existem controvérsias, para a História ou para a Arquivologia, com relação ao valor da imagem como documento. Segundo Maria Lúcia Cerutti Miguel,

Os arquivos deixaram de ser exclusivos depósitos de atos oficiais resultantes de atividades econômicas ou administrativas. Tornaram-se instituições destinadas a recolher, organizar, conservar e tornar acessíveis os documentos da memória (...) Memória captada não mais nos acontecimentos, mas no tempo longo, menos nos textos e mais nas palavras, nas imagens e nos gestos (...) (MIGUEL, 1993, p.123).

### Fotografia e manipulação do real

A imagem fotográfica não é produzida pela mão ou mente humana, mas por equipamentos. Esta constatação levaria a considerarmos a fotografia como representação do real. No entanto, não se pode ignorar que esse equipamento pode ser regulado e manipulado pela vontade do homem. Produzir uma imagem significa entrar em relação com alguma coisa ou alguém. Não é possível para o fotógrafo ficar passivamente atrás do equipamento.

A fotografia é uma reconstrução da realidade, em linguagem própria, e como tal necessita de ser decodificada por seus usuários. Como documento, a fotografia necessita que se formulem novas técnicas de análise, considerando esses elementos que se encontram entre o equipamento e o que está sendo fotografado. O aspecto crucial desta questão é o princípio de que a imagem, por não ser reflexo do real, não traduz obrigatoriamente a verdade dos fatos.

Outro aspecto que não pode ser relegado é: o fotógrafo, ao registrar o evento numa imagem, ao escolher determinado ângulo, irá perder uma série de detalhes. Essa constatação já é uma deturpação do real porque vemos na fotografia apenas um aspecto do fato ocorrido. A escolha de determinado ângulo pode-nos revelar o comprometimento entre o fotógrafo e o poder, refletindo sua ideologia política ou daquele que o contratou. Certamente não é apenas pela técnica ou por sua ideologia que o fotógrafo pode deturpar uma realidade. Seus preconceitos, suas emoções e suas preferências estéticas também interferem de forma decisiva no registro de uma imagem.

Nesse processo é importante analisar a fotografia dentro dos limites impostos pela técnica fotográfica, a fim de se evitar interpretações errôneas. Para interpretar uma fotografia tirada pela câmera escura, é imprescindível que o pesquisador tenha conhecimentos da técnica utilizada e do tempo necessário de exposição para o registro das imagens. Sendo assim, uma fotografia de uma rua sem pedestres não reflete, necessariamente, uma baixa concentração populacional ou um isolamento das pessoas em

seus lares, mas apenas o fato de que as pessoas passaram pelo local, mas não ficaram imóveis o tempo necessário, para seu registro pelo equipamento utilizado na época.

O profissional que trabalha com imagens precisa estar sensível ao que elas transmitem. Decifrando-as, analisando-as, interpretando-as poderá então utilizá-las de forma adequada na elucidação de questões pertinentes que não conseguem ser esclarecidas apenas pela documentação escrita. Por exemplo, uma extensa descrição sobre uma senzala jamais irá substituir uma imagem da mesma. É possível, a partir da análise de uma imagem, tirar conclusões que completam, esclarecem ou justificam informações constantes em documentos escritos. O homem pode até deixar para depois ou se negar a ler um texto, mas ninguém deixa de se aproximar para olhar uma imagem.

A fotografia se constitui em importante fonte de pesquisa histórica. E, como tal, oferece riscos quanto à sua fidedignidade. O historiador, ao se deparar com uma fotografia, precisa verificar a veracidade dessa fonte. Todo o documento em si não é prova de uma verdade.

Aquilo que se escreve sobre uma pessoa ou acontecimento é mera interpretação, do mesmo modo que o são os depoimentos visuais criados por artistas, como pinturas e desenhos. A fotografia aparentemente não constitui depoimento sobre o mundo, mas fragmento desse, miniatura de uma realidade que todos podemos construir ou adquirir (SONTAG, 1981, p. 4).

A metodologia da história se aplica tanto ao documento escrito como ao fotográfico, porque todos oferecem os mesmos riscos de manipulação. É preciso desenvolver técnicas de análise crítica e de interpretação cada vez mais eficazes.

(...) a tomada de consciência da construção do fato histórico, da não-inocência do documento, lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico. Mas essa constatação não deve desembocar num ceticismo de fundo a propósito da objetividade histórica e num abandono da noção de verdade em história; pelo contrário, os contínuos êxitos no desmascaramento e na denúncia das mistificações e das falsificações da história permitem um relativo otimismo a esse respeito (LE GOFF, 1990, p. 11).

O historiador deve procurar detectar as manipulações e resgatar a função da fotografia como importante fonte de registro de uma cultura, de um povo e de uma época. Precisa aprimorar e desenvolver metodologias adequadas para a verificação da veracidade das informações contidas nas imagens como também detectar possíveis deturpações dos acontecimentos.

A crítica externa e interna será necessária para se verificar a veracidade, falsidade, montagem ou manipulação de um documento.

A crítica externa visa essencialmente encontrar o original e determinar se o documento examinado é verdadeiro ou falso (...).

A crítica interna deve interpretar o significado dos documentos, avaliar a competência do seu autor, determinar a sua sinceridade, medir a exatidão do documento, controlá-lo através de outros testemunhos (...) (LE GOFF, 1990, p. 109).

Na época em que surge a fotografia, o homem vai associá-la ao fantástico e ao imaginário, utilizando-a como uma maneira de ficar para a posteridade ou de realizar seus desejos. As instituições irão apresentar posições mais contraditórias. A política, gradativamente, irá usá-la como meio eficaz de propaganda política. A igreja, no entanto, mais resistente às mudanças, mostrará, inicialmente, uma certa incredibilidade com relação à reprodução do real.

Com a utilização dos sistemas eletrônicos, surgem novos obstáculos para o pesquisador que emprega a documentação contemporânea em suas pesquisas. Não apenas com relação à obsolescência rápida dos equipamentos, como também à necessidade de se manter constantemente atualizado para poder acessar as informações. Como podemos verificar, a tecnologia da informação afetará a pesquisa histórica no futuro. A metodologia da pesquisa histórica precisará capacitar os pesquisadores para essa nova realidade, como também a ciência arquivística precisará rever seus parâmetros de verificação da autenticidade dos documentos, quando se tratar de meios eletrônicos.

Não se pode discutir a validade ou não dessa documentação, mas constatar que ela está presente em nossa vida e que é um processo irreversível. A sociedade já está com sua vida alterada em função da presença do computador. O impacto social dos documentos digitais não pode ser descartado. No final do século, a presença dessa tecnologia e nossa dependência com relação a ela será total.

Entretanto, não devemos ignorar os riscos da manipulação dos documentos digitais, uma questão mais complexa do que quando se trata da documentação tradicional. A fusão de novos elementos à imagem, a mudança das condições físicas em que a fotografia foi realizada, a limpeza de distorções e a criação de objetos que jamais existiram possibilitam a reinvenção da realidade de forma, muitas vezes, imperceptível. Essas alterações precisam ser questionadas, pois constituem-se em perigo para a história com a criação de documentos que jamais existiram sem que se possa comprovar sua falsidade.

## Preservação

A descoberta da fotografia é um longo processo que vai aliando descobertas químicas e físicas da ciência. Se as descobertas físicas, no campo da ótica – a câmera escura – proporcionavam as imagens, era necessário que a química fornecesse meios que as fixassem. Na verdade, no momento em que cessava a emissão de luz, se a imagem não tivesse sido copiada pelo artista, não sobraria nenhum registro ou marca da existência da reprodução de uma cena, de um objeto ou de uma pessoa.

A história da fotografia nos apresenta diversas técnicas, formatos e processos específicos de cada período em que foram utilizados. Atualmente, o filme pode ser encontrado em rolos emulsionados com base de celulose, onde as fotos são batidas, reveladas e positivadas. O filme de celulose oferece menores riscos para a sua preservação, uma vez que o nitrato tem combustão espontânea e tem sido o responsável por danos irreversíveis, provocados por incêndios em cinematecas.

O século XX tem se destacado pela evolução da fotografia em outros meios, o que nem sempre representa uma melhora na sua qualidade, tendo em vista a sua permanência. Fotografia em cores, com revelação em uma hora, máquinas polaroids, fotografia eletrônica, entre outros, representam avanços da ciência, mas comprometem a durabilidade da imagem, tornando-a cada vez mais perecível.

A possibilidade não só de captar momentos, mas sobretudo de torná-los permanentes, foi decisiva para a aceitação da fotografia pela sociedade. Entretanto, para que essas imagens permaneçam, é necessário que o homem não apenas aperfeiçoe o processamento e a qualidade do suporte, como também adote medidas para a conservação desses documentos. Caso contrário, de nada valeu a sensibilidade do fotógrafo ao captar um momento.

Para que esse momento não se perca para sempre depois de registrado, é preciso que instituições e profissionais que cuidam de acervos fotográficos se conscientizem da necessidade de cuidados especiais no manuseio em preservação desses documentos. Somente uma conservação adequada das fotografias poderá garantir que sirvam como fonte documental para estudos futuros da história contemporânea. Nenhum esforço deve ser considerado excessivo, neste sentido, uma vez que o descaso tem somente favorecido o desaparecimento de grande quantidade de imagens que, certamente, diriam mais do que mil palavras, uma vez que mostrariam épocas, personagens, episódios e fatos impossíveis de serem retratados novamente.

O controle da temperatura e da umidade relativa do ar são condições indispensáveis para a preservação dos acervos fotográficos. A utilização de materiais acessórios

adequados para o seu acondicionamento e a adoção de medidas para diminuir o seu desgaste pelo manuseio inadequado são outros procedimentos que ajudam a minimizar a ação do tempo sobre estes suportes.

## Conclusão

A história da fotografia tem utilizado diversos materiais que servem de suporte para a imagem, tais como, papel, vidro, plásticos, metais, cerâmica e madeira. Além da fragilidade da maior parte destes suportes, as outras camadas da fotografia também apresentam um alto grau de deterioração. Estas camadas são formadas por substâncias orgânicas que não apenas sofrem reações químicas como possibilitam a proliferação de microorganismos, assim como atraem insetos. A substância, atualmente, formadora da imagem – prata metálica, é submetida a banhos, no processamento, que provocarão reações químicas, alterações na sua constituição e, conseqüentemente, afetarão a durabilidade da imagem.

A decodificação de uma imagem fotográfica requer o estudo da história da fotografia para conhecimento das diversas técnicas, formatos e processos, assim como do período em que foram utilizados; a análise das potencialidades e limitações dos equipamentos empregados para o registro da imagem associados a manipulação do real; a identificação do conteúdo retratado; e a interpretação da fotografia para desvendar a finalidade a que se destina, assim como constatar a multiplicidade de significados que contém. Essa multiplicidade de significados de uma imagem é que irá conferir aos documentos visuais uma riqueza de interpretações que, se devidamente utilizada, enriquecerá o trabalho de todo pesquisador. A utilização da análise crítica poderá atestar sua veracidade.

É importante para o historiador e para o arquivista conhecer a fotografia em todos os seus aspectos. Conscientes de sua fragilidade, poderão evitar o manuseio inadequado desse suporte, como também lutar para a adoção de uma política nacional de preservação dos documentos fotográficos.

## Abstract

The photo for the Archives and the History. The manipulation of the reality and the photographic preservation.

**Keywords:** photo; Archives; History; preservation.

## Referências bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa : Presença, 1982.
- BURGI, Sérgio. *Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos : técnicas, métodos e materiais*. Rio de Janeiro : INFoto/Funarte, Programa Nacional da Preservação e Pesquisa da Fotografia, 1988.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- CARVALHO, Aurea Maria de Freitas. *Fotografia como fonte de pesquisa*. Rio de Janeiro : Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- FABRIS, Annateresa. *Fotografia : usos e funções no século XX*. São Paulo : Ed. da USP, 1991. (Coleção texto & arte ; v. 3)
- FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil : 1840-1900*. Rio de Janeiro : Funarte/Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- FONTCUBERTA, Joan. *Estética fotográfica : selección de textos*. Barcelona : Editorial Blume, 1984.
- FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1976.
- HENDRIKS, Klaus B. *The preservation and restoration of photographic materials in archives and libraries : a RAMP study with guidelines*. Paris : Unesco, 1984.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo : Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Origens e expansão da fotografia no Brasil : o século XIX*. Rio de Janeiro : MEC/Funarte, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo : Ed. da UNICAMP, 1990.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A imagem através das palavras. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 38, n. 9, p. 483-495, set. 1986.
- LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1988.
- MIGUEL, Maria Lucia Cerutti. A fotografia como documento – uma instigação à leitura. *Acervo : revista do Arquivo Nacional*. Especial sobre Fotografia, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, jan./dez. 1993.
- MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (Org.). *Retratos quase inocentes*. São Paulo : Nobel, 1983.
- PAES, Marilena Leite. *Arquivo : teoria e prática*. Rio de Janeiro : Ed. da FGV, 1986.
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1969.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro : Arbor, 1981. (Coleção sobre fotografia, 1)
- VASQUEZ, Pedro. *Fotografia – reflexos e reflexões*. São Paulo : L&PM, 1986.